

**ENRIQUE MARÍ, PRIMAVERA DE 1993**

Eros Roberto Grau\*

“Con mi más afectuoso saludo y profundo agradecimiento (alexiano).  
Espero verte pronto em Bs. Aires.  
Enrique Primavera 1993”

O velho salgueiro, com seus ramos debruçados por detrás da construção do muro ocre, ainda estava lá, na Primavera de 1993, quando celebramos a amizade, durante alguns poucos dias, aqui em Tiradentes, Enrique, Alcía e Carlos, minha mulher e eu.

Houve um congresso, em Curitiba - não estou bem certo disso - e os três vieram passar um par de dias conosco.

Carlos e Alcía trouxeram vinho e, Enrique, um lindo cd de Gardel. Ao final desses dias deu-me o *Papeles de filosofia*, que acabara de ser editado: “*Con mi más afectuoso saludo y profundo agradecimiento (alexiano). Espero verte pronto em Bs. Aires. Enrique Primavera 1993*”.

Quando o conheci pessoalmente, em Buenos Aires, alguns anos antes, assim que o vi na sala percebi que Carlos não exagera nem um milímetro ao dizer que Enrique não pisava sobre o chão quando caminhava, mas flutuava sobre o solo. Um anjo, certamente. A voz de ternura e os cabelos brancos de um irmão mais velho.

Em Tiradentes falamos longamente. Também algumas vezes, em Buenos Aires, quando estivemos juntos, sempre pela mão de Carlos e de Alcía. Sobre a interpretação/aplicação do direito, sobre Habermas, Alexy, mais importante do que tudo, sobre a vida.

Não o li o quanto o deveria ter lido. Mas com ele aprendi muito. Aprendi que o discurso da ordem abrange o lugar da racionalidade, a lei, e o lugar do imaginário social como controle da disciplina das condutas humanas e da sua sujeição ao poder, o que me permite compreender o sentido trágico dos momentos em que se torna mais agudo o descompasso entre uma e outro, momentos em que se espera sucumba o velho, para ser substituído pelo novo, obrigando os homens a se decidir, ainda suspenso entre dois mundos. E me permite compreender, mais, nesse descompasso, o paroxismo da ausência de ordem, que se instala quando o velho já sucumbiu e nos falta, como que irremediavelmente, o que haveria de ser o novo. Assim já estamos, ou estaremos amanhã...

Aprendi a discernir os sintomas dessa doença crônica que envelhece o jurista que pretende fazer ciência à custa do isolamento do direito, transformando-se em um

\* Professor Titular, Departamento de Direito Econômico na Universidade de São Paulo – USP.

mero tecnólogo ou tecnocrata, nada mais do que um mero leguleio, perdido em análises de conceitos, critérios descritivos e classificatórios das condutas que as normas proíbem ou autorizam, sacerdote de uma religião tão absurda como o mundo de Kafka,<sup>1</sup> isolado, ele próprio, da realidade, para, ingenuamente, “fazer o jogo” do poder.

Enrique ensinou-me muito, ensinou-me - coisa que os kelsenianos de meia pataca jamais conceberiam - ter sido Kelsen o “arquitecto profano del más sólido artefacto de conexión entre discurso de razón e imaginario social: la *Grundnorm*”.<sup>2</sup>

Além de tudo isso, e muito mais, Enrique me permitiu viver uma experiência existencial maravilhosa.

Houve um congresso em Buenos Aires. Fomos todos almoçar em Santelmo. Veio até o nosso grupo, então, um certo filósofo do direito que não participou do nosso encontro - não havia mesmo porque dele participar - para cumprimentar um de nós. Não sei o que fizera aquele senhor abalar-se a tanto. Mas o que chamou minha atenção foi a sua arrogante antipatia, um inescandível não escondido sentimento de despeito pela presença e pelo respeito intelectual que Enrique inspirava. A falta, no filósofo analítico, daquilo que Norbert Elias chamaria de *courtoisie*, deixou-me profundamente irritado.

Anos após houve um outro congresso, em São Paulo, sobre semiologia jurídica. Enrique não estava. Vi na platéia, quando chegou o momento de minha exposição, o filósofo analítico. Conduzi então minha explanação de modo que, a um certo ponto, pudesse encaixar a seguinte afirmação: “*Como diz o maior jusfilósofo argentino de nosso tempo*”. Neste preciso instante fixei bem os olhos naquele que preparava os ouvidos para o ecoar de seu nome no salão nobre da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e completei: “*Como diz o maior jusfilósofo argentino de nosso tempo, Enrique Marí...*”.

Maravilhosamente, vinguei, em meu coração, o Amigo.

O analítico bateu em retirada. Ergueu-se e saiu do salão pisando duro, à verdade reagindo com mais uma falta de cortesia...

À noite telefonei ao Carlos, pedindo que contasse a Enrique da minha bravata. Por certo que Enrique me censurou, ainda que com doçura. Mas carregou comigo o sabor desse momento, maravilhoso.

Há pouco, almoçando na varanda, comentei com Tania o quanto me faz falta o velho salgueiro abatido por um raio, com seus ramos debruçados por detrás da construção do muro ocre. De imediato, no entanto, lembrando-me de um verso de Rilke, me veio a certeza de que, se eu gritasse, lá, do mais alto da hierarquia dos anjos, Enrique me atenderia.

Tiradentes, 15 de junho de 2002  
Eros Roberto Grau

<sup>1</sup> A expressão é de Fábio Konder Comparato, *Ensaio e pareceres de Direito Empresarial*, Forense, Rio, 1978, pág. 472.

<sup>2</sup> *Papeles de filosofia*, Editorial Biblos, Buenos Aires, 1.993, pág. 247.